

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL
GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL

ISABELLA ALVES SOARES

FAT SUIT: A REPRESENTAÇÃO DE DIFERENTES CORPOS EM MÍDIAS
FÍLMICAS E SEUS IMPACTOS

NITERÓI
2025

ISABELLA ALVES SOARES

FAT SUIT: A REPRESENTAÇÃO DE DIFERENTES CORPOS EM MÍDIAS
FÍLMICAS E SEUS IMPACTOS

Monografia apresentada ao curso de Graduação em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de Bacharel.

Orientadora: Profa. Dra. Neide Aparecida Marinho

NITERÓI

2025

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

S676f Soares, Isabella Alves
FAT SUIT: A REPRESENTAÇÃO DE DIFERENTES CORPOS EM MÍDIAS
FÍLMICAS E SEUS IMPACTOS / Isabella Alves Soares. - 2025.
33 f.

Orientador: Neide Aparecida Marinho.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação)-Universidade
Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social,
Niterói, 2025.

1. Fat Suit. 2. Representação midiática. 3. Produção
intelectual. I. Marinho, Neide Aparecida, orientadora. II.
Universidade Federal Fluminense. Instituto de Arte e
Comunicação Social. III. Título.

CDD - XXX

ATA DA SESSÃO DE ARGUIÇÃO E DEFESA DE TRABALHO FINAL II

Ao dia **vinte e oito de julho do ano de dois mil e vinte e cinco**, às **dezesseis horas**, realizou-se a sessão pública de arguição e defesa do Trabalho Final II intitulado **FAT SUIT: A REPRESENTAÇÃO DE DIFERENTES CORPOS EM MÍDIAS FÍLMICAS E SEUS IMPACTOS**, apresentado por **Isabella Alves Soares**, matrícula **115033014**, sob orientação do(a) **Dra. Neide Aparecida Marinho**. A banca examinadora foi constituída pelos seguintes membros:

- 1º Membro (Orientador(a)/Presidente): **Dra. Neide Aparecida Marinho**
 2º Membro: **Ma. Clara Marins**
 3º Membro: **Dra. Maria Alice Chaves Nunes Costa**
 4º Membro: **Ma. Lúcia Maria Pereira Bravo**

Após a apresentação do(a) candidato(a), a banca examinadora passou à arguição pública. O(a) discente foi considerado(a):

Aprovado

Reprovado

Com nota final após arguição: 10

E para constar do respectivo processo, a coordenação de curso elaborou a presente ata que vai assinada pelo presidente da banca:

Documento assinado digitalmente
 NEIDE APARECIDA MARINHO
 Data: 06/08/2025 08:59:41-0300
 Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dra. Neide Aparecida Marinho
 Presidente da Banca

Agradecimentos

Agradeço profundamente à minha família, em especial à minha mãe, Mara, que, como educadora, sempre acreditou no poder transformador da educação e me inspira todos os dias. Às minhas amigas e amigos, que sempre estiveram ao meu lado, acreditando no meu potencial e me apoiando incondicionalmente.

Aos membros da banca, agradeço pela disponibilidade em participar deste momento importante da minha trajetória acadêmica, compartilhando sua experiência e contribuindo com a reflexão sobre meu trabalho.

À minha orientadora, professora Neide, meu profundo agradecimento por me acolher e me direcionar da melhor forma possível. Seu suporte contínuo foi essencial para a realização deste trabalho e para o meu crescimento acadêmico e pessoal.

Resumo

Este trabalho investiga a representação de corpos gordos no audiovisual contemporâneo, com foco no uso do *Fat Suit* como recurso narrativo, estético e ideológico em filmes comerciais. A partir de uma abordagem qualitativa guiada pela metodologia da análise do discurso, busca-se compreender como determinadas imagens constroem sentidos socioculturais sobre o corpo gordo, funcionando como tecnologias simbólicas de exclusão, normalização e marginalização. São utilizados como corpus os filmes *Vovó...zona* (2000), *O Amor é Cego* (2001), *O Professor Aloprado* (1996), *Hairspray* (2007), *Vingadores: Ultimato* (2019) e *A Baleia* (2022). Com base nos referenciais teóricos de Michel Foucault e Sueli Carneiro, o *Fat Suit* é problematizado como mascaramento simbólico e marcador do que não deve ser percebido como sujeito legítimo. O objetivo principal é analisar as relações entre imagem, discurso e identidade, discutindo os impactos simbólicos, psicológicos e materiais da representação burlesca do corpo gordo na construção social da anormalidade.

Palavras-chave: *Fat Suit*, corpo gordo, representação midiática, anormalidade.

Abstract

This study investigates the representation of fat bodies in contemporary audiovisual media, focusing on the use of the *Fat Suit* as a narrative, aesthetic, and ideological device in commercial films. Based on a qualitative approach guided by discourse analysis methodology, the research aims to understand how certain images construct sociocultural meanings about fat bodies, functioning as symbolic technologies of exclusion, normalization, and marginalization. The corpus includes the films *Big Momma's House* (2000), *Shallow Hal* (2001), *The Nutty Professor* (1996), *Hairspray* (2007), *Avengers: Endgame* (2019), and *The Whale* (2022). Drawing on the theoretical frameworks of Michel Foucault and Sueli Carneiro, the *Fat Suit* is problematized as a symbolic mask and ideological marker of what should not be perceived as a legitimate subject. The main objective is to analyze the relationships between image, discourse, and identity, discussing the symbolic, psychological, and material impacts of the burlesque representation of fat bodies in the social construction of abnormality.

Keywords: *Fat Suit*, fat body, media representation, abnormality.

Sumário

CAPÍTULO 1 - Representações de corpos gordos no cinema.....	11
1.1 Seleção dos filmes e justificativa.....	11
1.2 Análise da representação imagética de corpos gordos ou obesos em filmes	13
1.3 Fat Suit como mascaramento.....	17
CAPÍTULO 2 - O percebido e o não percebido no mascaramento do Fat Suit... 18	
2.1 Como esse objeto simbólico, a máscara/Fat Suit, produz sentidos.....	18
2.2 As construções ideológicas que estão presentes nas representações dessas imagens/máscaras/Fat Suit e o conteúdo do discurso do objeto.....	21
2.3 O patológico no corpo gordo (Michel de Foucault).....	23
2.4 O anormal na sociedade (Michel de Foucault).....	24
CAPÍTULO 3 - Impactos da imagem/máscara do Fat Suit na sociedade, na cultura e na identidade do sujeito gordo..... 26	
3.1 Impactos Psicológicos: o corpo que aprende a não se aceitar.....	26
3.2 Impactos Físicos: medicalização, controle e dor corporalizada.....	26
3.3 Impactos Identitários: a negação do “eu”	27
3.4 Impacto Social: estigmas, exclusão e normalização da violência simbólica..	27
Considerações finais.....	29
Referências.....	31

Introdução

Crescer nos anos 2000 foi, para muitos, ser atravessado por um ideal estético muito específico: corpos extremamente magros, brancos, e, quase sempre, inatingíveis. Revistas adolescentes como *Capricho*, personagens de desenhos animados, filmes de comédia romântica e reality shows reforçavam esse padrão com naturalidade. Era uma época em que ser "fora do padrão" significava, quase automaticamente, ser alvo de piada ou exclusão. Embora eu me veja dentro de muitos marcadores sociais de privilégio, sempre me chamou atenção como a pressão estética afetava a todos de formas diferentes.

Essa experiência se ampliou à medida que meu olhar crítico e político se formou. O feminismo e a compreensão das estruturas sociais a partir de uma perspectiva anticapitalista me ajudaram a perceber como os discursos midiáticos não apenas reproduzem padrões, mas os sustentam como verdades. A mídia tem papel central na construção do imaginário coletivo e, por consequência, na forma como cada um de nós aprende a habitar o próprio corpo. Essa percepção me levou a investigar um objeto em particular: o *Fat Suit*, prótese corporal aplicada sobre atores magros para representar personagens gordos, geralmente em situações cômicas.

O *Fat Suit* se tornou comum em filmes produzidos especialmente nos anos 2000, período de consolidação de um humor baseado no escárnio, na transformação física e na vergonha corporal. Embora o recurso esteja fortemente ligado ao cinema hollywoodiano, ele também aparece em novelas, séries e outras mídias consumidas no Brasil. O que me inquieta não é apenas o uso do traje, mas o que ele simboliza: um corpo simulado, ridicularizado, passageiro. Uma máscara que reforça o corpo gordo como erro, exagero ou punição. Esta pesquisa parte, portanto, da necessidade de entender como esse tipo de representação contribui para a consolidação da gordofobia estrutural, operando como um dispositivo simbólico que legitima formas de exclusão.

O objetivo central deste trabalho é analisar como a presença do *Fat Suit* no cinema e na televisão reforça estereótipos e molda discursos que deslegitimam o corpo gordo, construindo-o como "anormal" ou "não-sujeito". Busca-se, ainda, refletir

sobre os efeitos que essas imagens produzem na sociedade, em especial na autoestima, nas relações sociais e na forma como aprendemos a desejar (ou rejeitar) certos corpos. A abordagem teórica se apoia, principalmente, nas formulações de Michel Foucault sobre biopoder, discurso e normalização, e em Sueli Carneiro, especialmente no conceito de dispositivo de racialidade, aqui transposto para uma análise sobre corporalidade e exclusão simbólica.

O trabalho está estruturado em três capítulos. No Capítulo 1, são apresentados e analisados filmes que fazem uso do *Fat Suit*, como *O Amor é Cego*, *O Professor Aloprado*, *Vovó...zona*, *Norbit* e *A Baleia*, destacando como o corpo gordo é inserido nas narrativas e com que tipo de discurso é associado. O Capítulo 2 se debruça sobre o *Fat Suit* como mascaramento, ou seja, como ferramenta simbólica que interdita o corpo real, apagando sua complexidade subjetiva. Para isso, são mobilizados os conceitos de discurso, biopoder e interdição. No Capítulo 3, discutem-se os impactos dessas representações, observando como operam na constituição de identidades, na saúde mental e na exclusão social, a partir da análise crítica de discursos e imagens amplamente difundidos.

Estudar o *Fat Suit* como objeto cultural e ideológico permite, portanto, ampliar o debate sobre representação e ética na mídia. Mais do que apontar um problema estético ou narrativo, esta pesquisa busca compreender como certos corpos são sistematicamente desumanizados e por que isso ainda é aceito como entretenimento. Ao analisar o que se representa e o que se apaga, também se abrem caminhos para imaginar novas formas de narrar e de existir, com mais pluralidade e respeito.

CAPÍTULO 1 - Representações de corpos gordos no cinema

1.1 Seleção dos filmes e justificativa

Os filmes analisados neste trabalho foram escolhidos por sua ampla circulação e por fazerem parte da memória audiovisual popular. São produções de alto consumo, especialmente no contexto *hollywoodiano*, que recorrem ao uso do *Fat Suit* ou à representação estereotipada de personagens gordos, seja com fins cômicos ou dramáticos.

Obras como *O Amor é Cego* (2001), *Vovó...zona* (2000), *O Professor Aloprado* (1996), *Norbit* (2007), *Hairspray* (2007), *A Baleia* (2022), *Vingadores: Ultimato* (2019) e *Uma Comédia Nada Romântica* (2006) serão utilizadas ao longo da análise como exemplos pontuais de como o corpo gordo é representado - seja como piada, castigo, obstáculo ou fetiche.



Figura 1 - Poster do filme *Norbit* (2007), disponível em:
<https://upload.wikimedia.org/wikipedia/pt/3/34/Norbit.jpg>

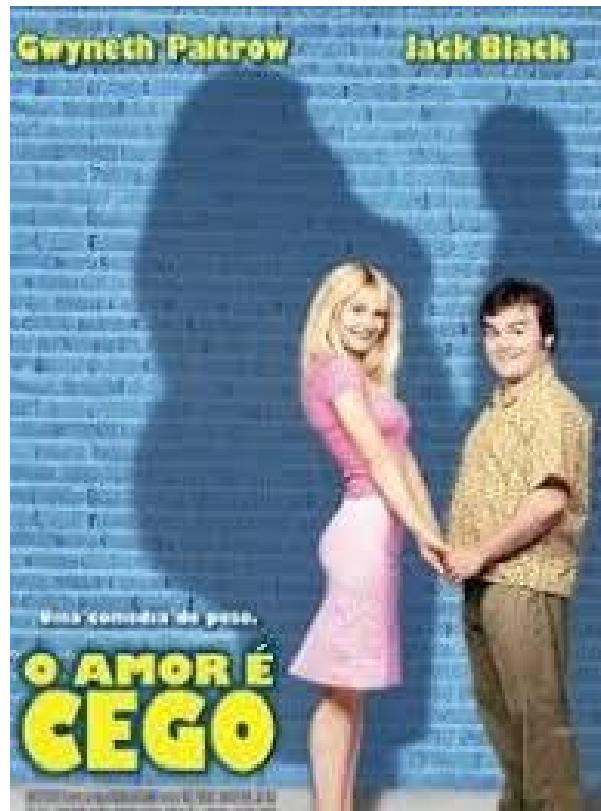


Figura 2 - Poster do filme “O Amor é Cego” (2001), disponível em:

https://br.web.img3.acsta.net/c_310_420/medias/nmedia/18/86/97/99/19870752.jpg



Figura 3 - Imagem do filme “O Professor Aloprado” (1996), disponível em:

https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcSGT1bYoJ5hmqygvsHhTc3oSvIK8K_5MaJaYg&s



Figura 4 - Imagem do filme “Uma Comédia Nada Romântica” (2006), disponível em: <https://disney.images.edge.bamgrid.com/ripcut-delivery/v2/variant/disney/b0df8023-a761-488e-9a37-52177b82f9de/compose?aspectRatio=1.78&format=webp&width=1200>

A escolha por filmes populares se dá justamente por seu alcance e influência, visto que produtos culturais consumidos em massa moldam percepções, reforçam estereótipos e naturalizam certos discursos. A intenção aqui é utilizar essas narrativas como ilustrações das práticas discursivas que constituem o corpo gordo como “anormal” ou “não-sujeito” dentro da lógica midiática dominante.

1.2 Análise da representação imagética de corpos gordos ou obesos em filmes

As representações do corpo gordo nos filmes citados seguem um padrão recorrente: o corpo é retratado como cômico, grotesco, indesejável ou, em alguns casos, como vítima trágica. Existe uma nítida ausência de protagonismo positivo. Frequentemente esse tipo de personagem está marcado pela falta de agência. Ou ele emagrece (e é recompensado por isso), ou morre (como punição ou catarse), ou vira piada (perdendo sua subjetividade).

Sobre uma discussão voltada a design visual e cultura dominante, as imagens operam em uma lógica que associa o desvio corporal à vilania, a fraqueza ou degeneração moral. Temos exemplos emblemáticos disso, como já citado, em vilões como a Úrsula, de *A Pequena Sereia*, ou até mesmo a personagem Tristeza, do

filme *Divertidamente*. Ambas são construídas a partir de arquétipos visuais que associam o corpo gordo a traços negativos ou disfuncionais.



Figura 5 - Personagem Tristeza do filme “Divertidamente” (2015), disponível em:
https://i0.wp.com/cinepop.com.br/wp-content/uploads/2015/06/divertidamente_51.jpg



Figura 6 - Personagem Úrsula do filme “A Pequena Sereia” (1989), disponível em:
https://recreio.com.br/wp-content/uploads/disney/ursula_capa.jpg

Quando comparamos gêneros como comédia e drama, podemos perceber também distinções importantes. Em filmes dramáticos, como *A Baleia* (2022) e *Preciosa* (2009), há uma tentativa de construir personagens com mais profundidade, apresentando a obesidade como parte de uma vivência complexa que inclui sofrimento emocional, conflitos familiares e exclusão social. Nesse contexto, esses sujeitos e a obesidade aparecem como consequência de experiências traumáticas, não como piada. Ainda assim, mesmo quando há uma certa empatia, o corpo gordo continua sendo centralizado pela dor.

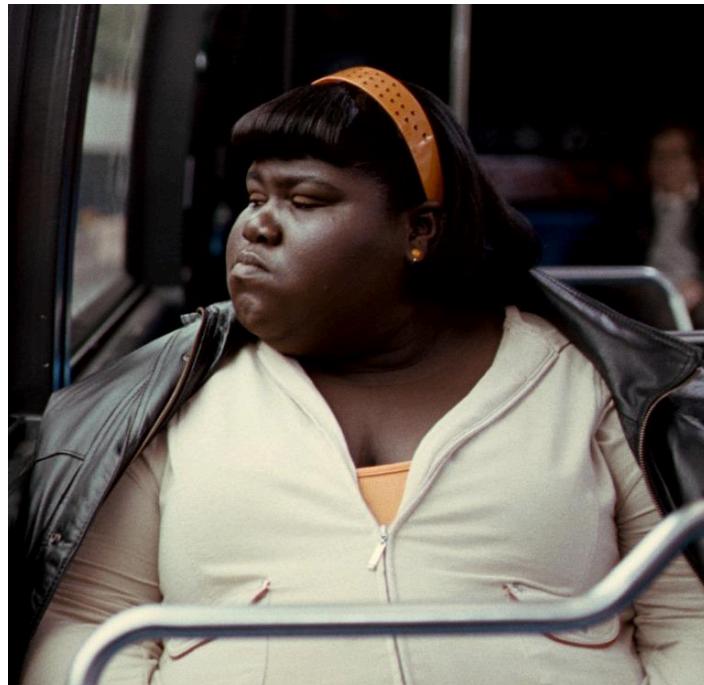


Figura 7 - Protagonista do filme “Preciosa” (2009), disponível em:
<https://www.planetatela.com.br/wp-content/uploads/2014/11/c360.jpg>



Figura 8 - Equipe do filme “A Baleia” (2019) realizando a produção do ator Brandon Fraser, disponível em:

<https://admin.cnnbrasil.com.br/wp-content/uploads/sites/12/2023/02/fraser.jpg?w=1024>

Já em filmes de comédia, o sujeito gordo frequentemente se transforma em elemento visual do riso. A performance cômica é construída a partir do exagero: o corpo gordo é desajeitado, barulhento, comilão, preguiçoso ou moralmente duvidoso. O peso do personagem se torna seu traço mais marcante, ofuscando qualquer nuance de sua personalidade. A comédia explora esse corpo como desmedido, e sua trajetória raramente se distancia do estereótipo. O *Fat Suit*,

nesses casos, funciona como instrumento que autoriza esse tipo de humor e reforça o estigma.

É importante destacar que há exceções. Algumas comédias, especialmente produções mais recentes como *Booksmart* (2019), *Girls* (2012) e *Too Much* (2025), apresentam personagens gordos sem recorrer ao uso de *fat suit*, representando-os com mais sensibilidade ou, ao menos, sem centralizar o peso como elemento definidor da narrativa. Ainda que esses exemplos permaneçam como minoria, sinalizam avanços na forma como corpos dissidentes vêm sendo retratados. Por outro lado, nem todos os filmes dramáticos conseguem escapar das armadilhas da representação, frequentemente reproduzindo o fetichismo da dor¹, o moralismo da saúde ou a espetacularização do sofrimento.

O que se observa, portanto, é uma tendência geral: o corpo gordo, quando representado, aparece marcado pela inadequação. Ele é o “outro” dentro de um universo normativo que valoriza a magreza, a disciplina corporal e a performance da saúde como símbolos de aceitação.

A interdição, tal como conceituada por Sueli Carneiro (2023), é um dos principais dispositivos de exclusão simbólica que operam na produção do outro como não-ser. Trata-se de um processo pelo qual determinados sujeitos são impedidos de existir plenamente no campo da linguagem, da representação e da subjetividade. São percebidos, mas não reconhecidos; visíveis, mas desqualificados; nomeados, mas nunca autorizados a falar por si. Essa exclusão simbólica não se dá pela simples ausência, mas pela forma como certos corpos e sujeitos são representados de maneira estereotipada, ridicularizada ou desautorizada, articulando-se com a violência simbólica descrita por Bourdieu (2009), que atua de forma invisível na manutenção das hierarquias sociais; com os mecanismos de biopoder e normalização discutidos por Foucault (2001; 2013), que regulam corpos e subjetividades a partir de padrões normativos; e com a interdição ontológica

¹ O termo *fetichismo da dor* é usado aqui para se referir à forma como alguns filmes tratam o sofrimento de pessoas gordas como um ponto central da narrativa, quase como se a dor fosse o único traço possível de suas vidas. Em vez de mostrar essas pessoas de forma completa e diversa, essas histórias acabam reforçando a ideia de que seus corpos só existem para sofrer, aprender uma lição ou provocar emoção no público. Essa forma de representação pode parecer empática, mas muitas vezes reforça estigmas e limita a existência desses corpos a uma experiência marcada pela dor.

proposta por Carneiro (2023), na qual o Outro é construído como “não-ser” e excluído do direito ao reconhecimento e à enunciação.

Na lógica do dispositivo de racialidade, o sujeito negro é interditado por múltiplas camadas: epistemológicas, estéticas, políticas e afetivas. Fazendo um paralelo à representação do corpo gordo, seguindo o mesmo raciocínio, é possível perceber através do *Fat Suit* uma operação similar de exclusão. O corpo gordo não é representado como sujeito de desejo, agência ou protagonismo, mas como máscara temporária, erro estético, farsa cômica ou tragédia anunciada.

O *Fat Suit* não é apenas um recurso técnico, pode-se dizer que ele é uma metáfora dramatúrgica da interdição. Ele permite que o ator magro “experimente” o volume extra, a gordura, como se fosse um traje. Mais do que isso, como se fosse algo passível de ser vestido e desvestido à vontade. Nesse gesto, o corpo gordo real é apagado. O gordo real não é desejado na narrativa. Sua presença é substituída por um simulacro: o corpo que não pertence a si, mas que pertence à piada, à vergonha ou à redenção futura através do emagrecimento.

Sueli Carneiro (2023) afirma que a narrativa do dispositivo de racialidade é a construção do negro como não ser. Na transposição para o campo da gordofobia midiática, podemos dizer: o corpo gordo é construído para não-ser para que o corpo magro se afirme como único corpo possível de ser, amar e existir com dignidade.

1.3 **Fat Suit** como mascaramento

O *Fat Suit* é o dispositivo que transforma o corpo gordo em alegoria, em traje. Ele não representa um corpo real, mas sim uma ideia de corpo falho, caricato. O *Fat Suit* autoriza a piada e, ao mesmo tempo, desumaniza o sujeito. Assim como Sueli Carneiro define o “outro como não ser”, o corpo gordo com *Fat Suit* é o “não sujeito”. Ele pode ser ridicularizado, porque não é real. Ele pode ser punido, porque é excessivo. O mascaramento opera, portanto, como forma de exclusão e controle simbólico.

A negação do Outro como sujeito de conhecimento se exprime em políticas nas quais o acesso ao conhecimento é negado ou limitado e

que via de regra impõem um destino social apartado das atividades intelectuais. São políticas que promovem a profecia autorrealizadora e legitimadora de uma inferioridade intelectual essencializada e que decretam a morte da identidade como condição de superação do estigma, condenando os sobreviventes a uma integração social minoritária e subordinada. (CARNEIRO, 2023, p. 284)

O conceito de mascaramento como o ato de ocultar ou disfarçar características físicas ou identidades pode se relacionar diretamente ao uso do Fat Suit. É fundamental entender como a representação de corpos gordos em filmes contribui para a percepção social e a construção de normas corporais. Nesse contexto, pode-se dizer que os atores estão mascarando suas formas corporais reais para representar personagens gordos, implicando que a obesidade é algo que precisa ser ocultado, encenado ou disfarçado, para ser aceito ou representado.

Na sociedade contemporânea, o mascaramento acontece em diversos níveis: procedimentos estéticos, maquiagens, roupas modeladoras, filtros digitais. Mas, quando aplicado ao corpo gordo, ele carrega uma carga simbólica ainda mais potente, pois reafirma a lógica de que o diferente precisa ser encoberto. O uso do Fat Suit reforça a ideia de que a gordura não pode estar visivelmente presente, ela precisa ser transformada em caricatura para ser aceitável na mídia.

Nesse contexto, pode-se citar Michel Foucault sobre biopolítica e biopoder. Esses conceitos exploram como o poder é exercido sobre os corpos e as populações em termos de saúde, controle e visibilidade. O uso do Fat Suit pode ser entendido como manifestação do biopoder, já que envolve o controle sobre a representação do corpo gordo e sua adequação simbólica a uma norma estética e ideológica. Ele não apenas invisibiliza corpos reais, como contribui ativamente para sua estigmatização social, alimentando uma cultura em que o corpo gordo é entendido como falha, excesso ou desvio.

CAPÍTULO 2 - O percebido e o não percebido no mascaramento do Fat Suit

2.1 Como esse objeto simbólico, a máscara/Fat Suit, produz sentidos

A máscara ou *Fat Suit* é um dispositivo simbólico potente que comunica sentido antes mesmo da fala. A sua presença em filmes transforma o corpo gordo em alegoria, em caricatura, em artifício. Quando um ator magro veste um *Fat Suit*, o que está sendo performado não é apenas um corpo diferente, mas uma construção social do que significa “ser gordo”: desajeitado, engraçado, excessivo, triste ou vilanesco. O público aprende, com o olhar, a reagir com riso, com pena ou com desprezo. O corpo gordo se torna um signo do erro.

Como propõe Sueli Carneiro (2023), o “outro como não ser” é aquele cuja existência é interditada. Ele aparece, mas não é reconhecido como sujeito. O corpo gordo representado via *Fat Suit* sofre essa mesma operação simbólica: ele é visível, mas é imediatamente anulado como possibilidade de sujeito pleno. A máscara não esconde apenas o corpo real do ator, mas interdita a própria vivência autêntica da pessoa gorda. O *Fat Suit* se transforma, assim, em um objeto que produz exclusão por meio da representação.

O uso desse tipo de recurso cênico, sobretudo em gêneros como a comédia e o romance, reforça o corpo gordo como objeto de riso ou de superação. Ele não é permitido ser, apenas servir a uma função narrativa que o reduz a piada, obstáculo ou metáfora de transformação.

O conceito de biopoder, desenvolvido por Michel Foucault, refere-se às formas de poder que incidem diretamente sobre os corpos e as populações, regulando, disciplinando e organizando a vida com base em critérios de normalidade. Diferente do poder soberano², que representa o controle da vida ou morte, o biopoder se interessa pela saúde, produtividade, aparência, a utilidade para o sistema. Nesse regime, os corpos deixam de ser apenas biológicos e passam a ser objetos de controle social.

Sueli Carneiro (2023), ao tratar do dispositivo de racialidade, explica que os mecanismos de inferiorização e superiorização não operam apenas por exclusão direta, mas também por meio da naturalização das hierarquias. Essas hierarquias

²Em Michel Foucault, o poder soberano aparece vinculado a figuras centrais do Estado, como o rei, e se caracteriza pelo direito de tirar a vida ou deixá-la existir. Trata-se de um poder concentrado, que se exerce de forma ostensiva, através da punição, da força e do controle territorial. No entanto, Foucault se dedica a pensar as transformações desse modelo, mostrando como ele é progressivamente substituído ou deslocado por tecnologias de poder mais sutis, voltadas à vigilância, à disciplina dos corpos e à gestão da vida, como o poder disciplinar e o biopoder.

organizam a vida social e os padrões de pertencimento, definindo quais corpos são valorizados e quais são deslegitimados. Embora a autora se concentre na questão racial, a analogia com o campo da corporalidade pode ser feita da seguinte maneira: a magreza é socialmente construída como símbolo de superioridade estética, moral e médica, enquanto a gordura é associada à falha, ao descontrole e à doença. Nesse cenário, o *Fat Suit* funciona como um dispositivo simbólico a serviço dessa lógica. Ele dramatiza o corpo gordo como exceção e reforça a ideia de que essa forma corporal é temporária, indesejada e, portanto, passível de ridicularização ou correção. Sua presença nos filmes geralmente antecede uma transformação narrativa que reafirma a norma da magreza como ideal a ser alcançado.

Embora essa análise esteja ancorada nas dinâmicas raciais brasileiras, sua lógica pode ser aplicada ao campo da corporalidade. A magreza, nesse cenário, é associada a atributos como saúde, sucesso, beleza e autocontrole, enquanto a gordura é lida como sinal de falha moral, descontrole ou desvio da norma.

O *fat suit*, nesse contexto, opera como um dispositivo estético a serviço do biopoder: um recurso simbólico que dramatiza a diferença entre o “aceitável” e o “excessivo”. Sua função não é apenas representar um corpo gordo, mas marcar esse corpo como algo temporário, que deve ser superado.

Carneiro aprofunda essa discussão, dentro do dispositivo de racialidade, certos sujeitos são marcados por um “delito inscrito na pele” (p. 122). Isso significa que características como promiscuidade, limitação cognitiva, animalidade ou feiura não são apenas atribuídas, mas sim naturalizadas e passam a ser esperadas desses corpos. Segundo a autora, “a cada dobramento correspondem formas específicas de interdição, punição e subjetivação nas diferentes dimensões da vida social” (CARNEIRO, 2023, p. 122). Se aplicarmos essa lógica à forma como o corpo gordo é representado na mídia, percebemos que ele também carrega um “delito visível”: sua presença carrega o peso simbólico do erro, do exagero, da falha, como se ser gordo justificasse o riso ou o desprezo.

O *fat suit*, nesse cenário, não é apenas uma fantasia ou um recurso técnico de atuação. Ele simboliza essa interdição. Ele transforma a gordura em piada, exagero, farsa, e apaga a chance de um sujeito real ocupar aquele espaço. O corpo

gordo real é substituído por uma caricatura que pode ser vestida e depois retirada. E o que parece apenas comédia, nesse caso, se revela como mais uma camada de exclusão e apagamento.

2.2 As construções ideológicas que estão presentes nas representações dessas imagens/máscaras/Fat Suit e o conteúdo do discurso do objeto

As imagens não são neutras, elas podem carregar sentidos, valores e posicionamentos ideológicos. O Fat Suit, como objeto simbólico, funciona como um marcador visual que opera diretamente na construção de um discurso sobre o corpo gordo: um corpo provisório, ridículo, exagerado e indesejado. Ele não apenas representa esse corpo, mas define o lugar que ele pode ocupar dentro da narrativa. Por consequência, define também sua ocupação dentro da sociedade.

Michel Foucault (2001) afirma que a norma não atua somente para excluir, mas principalmente para corrigir. Trata-se de um mecanismo que opera sobre os corpos, moldando comportamentos, produzindo identidades e forçando adequações. Segundo ele, “a norma não tem por função excluir, rejeitar. Ao contrário, ela está sempre ligada a uma técnica positiva de intervenção e de transformação, a uma espécie de poder normativo” (FOUCAULT, 2001, p. 62). O corpo gordo, nessa lógica, é o corpo a ser ajustado. Ele não é tratado apenas como diferente, mas sim como algo errado, como falha a ser corrigida.

O discurso de medo tem o intuito de detectar o perigo, a perversão, e se opor a ela, exercendo um papel coercitivo e corretivo, o que é característico da norma, que impõe determinadas exigências, que não são naturais a determinado grupo, sendo capaz de interferir na vida das pessoas que a ele pertencem, fazendo-os seguir determinado padrão justamente por se sentirem reprimidos: “Por conseguinte, a norma é portadora de uma pretensão ao poder. A norma não é simplesmente um princípio (...) é um elemento a partir do qual certo exercício de poder se acha fundado e legitimado. (...) a norma traz consigo ao mesmo tempo um princípio de qualificação e um princípio de correção. A norma não tem por função excluir, rejeitar. Ao contrário, ela está sempre ligada a uma técnica positiva

de intervenção e de transformação, a uma espécie de poder normativo.” (CEZAR, 2020, p. 126).

Esse processo se manifesta nas mídias, principalmente quando o corpo gordo é apresentado como objeto de piada, como obstáculo a ser superado ou como símbolo de descontrole. O Fat Suit visualiza isso de forma extrema: ele mostra que a gordura é algo que pode ser vestido e desvestido, controlado, vencido. Em muitas narrativas, o traje é retirado ao final, simbolizando a “redenção” do personagem, a vitória da norma.

Ainda segundo Foucault (2001), o sujeito que foge às normas sociais e biopolíticas, como o “anormal”, é visto como ameaça, como transgressão viva aos ideais de disciplina e controle. Ele diz que o déspota, por exemplo, é aquele cuja existência é, por si só, o crime máximo: “cuja natureza é idêntica à contranatureza” (FOUCAULT, 2001, p. 117). Transpondo esse raciocínio para o corpo gordo, percebemos que ele passa a ser lido como esse corpo fora de lugar, o que ameaça a lógica higienista, estética e produtiva da magreza como valor.

Nesse sentido, Cezar (2020) explicita que:

Para Foucault, o “anormal” será aquele sujeito que viola as leis sociais disciplinares e as leis biopolíticas tidas como naturais, como, por exemplo, a ideia de que o corpo “masculino” deve ter como desejo apenas o corpo “feminino”. Ao transgredir princípios legais, morais e naturais, colocando interesses pessoais acima dos coletivos, esse sujeito seria um “dano aos interesses da sociedade inteira”, tido como um “monstro moral” e/ou um déspota, sendo que: “O déspota é aquele que, por sua existência mesma, e apenas por sua existência, efetua o crime máximo, o crime por excelência, o crime da ruptura total do pacto social (...) o déspota é aquele cuja existência coincide com o crime, cuja a natureza é, portanto, idêntica a contranatureza.”

O artigo de João Marcelo de O. Cezar (2020) reforça essa leitura ao destacar como a figura do “anormal” se constitui a partir de um discurso de medo, que categoriza e pune tudo que escapa da norma. Nas palavras de Foucault citadas pelo autor: “os aparelhos disciplinares hierarquizam, numa relação mútua, os ‘bons’ e os

‘maus’ indivíduos” (FOUCAULT, 2013, p. 151). E isso não se dá apenas sobre ações, mas sobre os próprios sujeitos, suas aparências, desejos, corpos.

Sueli Carneiro (2023), por sua vez, aprofunda essa análise a partir da noção de interdição simbólica. Segundo ela, o dispositivo de racialidade produz sujeitos interditados, ou seja, presentes na sociedade, mas impedidos de exercer plenamente sua subjetividade, cidadania e visibilidade. São percebidos, mas desautorizados; nomeados, mas silenciados; mostrados, mas nunca reconhecidos como legítimos. Carneiro afirma que, nesse sistema, alguns corpos são tratados como se carregassem “um delito inscrito na pele” (CARNEIRO, 2023, p. 122), acionando sentidos de promiscuidade, fealdade ou incapacidade.

Embora sua análise tenha como foco o corpo negro, é possível realizar a analogia com o corpo gordo, que também visível e estigmatizado, é tratado como marca de desvio. O ator magro que “experimenta” a gordura reforça a ideia de que esse corpo só existe para ser ridicularizado, vencido ou superado. “A construção do Outro (negro) como não ser é fundamento do Ser (branco), como diz o subtítulo do livro.” (p. 357). Essa formulação, destacada por Frateschi no posfácio do livro (CARNEIRO, 2023), sintetiza a tese defendida por Sueli Carneiro: que o dispositivo de racialidade opera construindo o sujeito negro como um “não-ser”, para afirmar, por contraste, a identidade branca como centro de humanidade e reconhecimento. No caso do corpo gordo, poderíamos dizer: ele é construído como não-ser, para que o corpo magro se afirme como único modelo de existência legítima.

Nesse sentido, o Fat Suit deixa de ser apenas um elemento técnico da performance: ele atua como tecnologia simbólica de exclusão e correção. Participa ativamente de uma pedagogia da norma, que ensina o que é aceitável e o que deve ser modificado. Produz e reproduz a ideia de que o corpo gordo só é tolerável enquanto objeto de piada ou enquanto promessa de transformação, nunca como sujeito pleno.

2.3 O patológico no corpo gordo (Michel de Foucault)

Ainda que Michel Foucault não tenha escrito especificamente sobre obesidade, seus conceitos de normatividade, biopoder e patologização são

extremamente úteis para entender como o corpo gordo é construído na sociedade contemporânea.

A partir da normatização da saúde, o corpo gordo é automaticamente associado à doença, mesmo sem qualquer análise individual. A imagem do gordo saudável é negada culturalmente, enquanto o corpo magro, mesmo que adoecido por dietas extremas, cirurgias ou uso de remédios como o Ozempic, que é socialmente aceito. Esse é o efeito do biopoder: a medicina, a estética e a mídia se aliam para definir quais corpos merecem existir plenamente.

Pierre Bourdieu, ao discutir o conceito de *habitus*³, nos ajuda a entender como certos valores corporais são incorporados pelos sujeitos de forma prática, muitas vezes inconsciente. A magreza, dentro desse sistema, torna-se um capital simbólico⁴: um atributo valorizado socialmente, que garante reconhecimento, pertencimento e distinção. Estar magro, mesmo que à base de medicamentos caros e com efeitos colaterais, é aceito porque performa o ideal normativo de autocontrole, sucesso e saúde. O corpo gordo, por sua vez, é deslocado para o campo da anormalidade: torna-se um corpo vigiado, medicalizado e passível de correção - um corpo patologizado.

2.4 O anormal na sociedade (Michel de Foucault)

No curso *Os Anormais*, Foucault identifica o “indivíduo a ser corrigido” como alguém que não é um criminoso ou um monstro, mas ainda assim precisa ser disciplinado para se adequar à norma. O corpo gordo encaixa-se perfeitamente

³ *Habitus* é um conceito desenvolvido por Pierre Bourdieu para descrever o conjunto de disposições socialmente construídas que orientam percepções, práticas e preferências dos indivíduos. Essas disposições são incorporadas desde a infância por meio da socialização e tendem a parecer “naturais”, ainda que sejam históricas e culturais. O *habitus* molda o modo como sentimos, julgamos e agimos no mundo, inclusive em relação ao próprio corpo. Ver BOURDIEU, Pierre. *O senso prático*. Petrópolis: Vozes, 2009.

⁴ *Capital simbólico* é um tipo de capital que se refere ao prestígio, reconhecimento ou honra socialmente atribuídos a certos atributos, como o corpo magro. Trata-se de um valor que, embora não material, atua na lógica de distinção social: possuir esse capital gera vantagem simbólica, legitimação e poder de influência. No campo da corporalidade, isso se manifesta na superioridade associada a corpos magros, saudáveis e alinhados com os ideais de beleza vigentes. Ver BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp, 2007.

nessa figura: ele não é ilegal, mas é constantemente vigiado, orientado, criticado e excluído.

A sociedade contemporânea age sobre esse corpo como se ele fosse um erro a ser consertado. A mídia, os discursos médicos e até os espaços físicos (ônibus, aviões, cadeiras, macas) são pensados para excluir esse corpo. O caso da modelo brasileira impedida de embarcar em um voo por ser considerada “gorda demais” evidencia como o corpo gordo é sistematicamente excluído de espaços públicos e de direitos básicos, reforçando normas corporais que marginalizam certos corpos (CNN BRASIL, 2022). Isso evidencia o quanto o corpo gordo é tratado como um corpo não planejado para viver plenamente.

Essa normatização da magreza, expressa através do *Fat Suit*, das dietas e dos discursos sobre saúde, é uma tecnologia de controle. O corpo gordo é o anormal cotidiano: tolerado apenas como exceção, mas nunca reconhecido como sujeito possível. Como afirma Sueli Carneiro, isso é um “assassinato moral”: o sujeito continua vivo, mas é impedido de existir socialmente em sua plenitude.

CAPÍTULO 3 - Impactos da imagem/máscara do Fat Suit na sociedade, na cultura e na identidade do sujeito gordo

3.1 Impactos Psicológicos: o corpo que aprende a não se aceitar

A constante exposição de corpos gordos como alvo de piadas, escárnio ou superação nas mídias constrói uma atmosfera simbólica de rejeição. Filmes que usam o Fat Suit como artifício cômico como *Vovózona* (2000), *Norbit* (2007) ou *O Amor é Cego* (2001), reforçam a noção de que o corpo gordo é, antes de tudo, um erro. Nesses enredos, o riso não surge da situação, mas do corpo em si. O sujeito gordo aqui é o *punchline*.

Essa representação repetida opera como o que Sueli Carneiro define como "assassinato moral": uma forma de aniquilação simbólica que precede e legitima as exclusões práticas. A pessoa gorda, ao se ver representada como inadequada ou ridícula, internaliza esse olhar como verdade, um processo de autopolicimento e autonegação. Como Foucault aponta, essa é a base do corpo dócil: aquele que vigia a si mesmo, que se corrige para se adequar ao que é aceito.

Essas dinâmicas impactam diretamente a saúde mental: ansiedade, depressão, distorção da autoimagem, baixa autoestima e transtornos alimentares são consequências amplamente documentadas. Em uma sociedade que valoriza a magreza como sinônimo de sucesso e amor, o corpo gordo torna-se sinônimo de fracasso e inadequação. Esse mecanismo produz efeitos subjetivos profundos: o sujeito gordo internaliza a vergonha. A interdição, nesse sentido, não é apenas social, mas ontológica.

3.2 Impactos Físicos: medicalização, controle e dor corporalizada

A estigmatização do corpo gordo não se limita ao simbólico, ela se materializa em práticas que afetam diretamente o bem-estar físico das pessoas. A busca por um corpo "ideal" muitas vezes leva a dietas extremas, procedimentos invasivos e ao uso de medicamentos como Ozempic ou Monjaro.

A medicalização da gordura também opera de forma perversa no campo da saúde pública. A chamada gordofobia médica pode se manifestar em diagnósticos imprecisos, recusa de atendimento, foco excessivo no peso como causa de qualquer sintoma. O caso emblemático do jovem de 25 anos que morreu na porta de um hospital em São Paulo por falta de uma maca para seu tamanho revela como o corpo gordo é excluído até mesmo do direito à vida (G1, 2023).

Além disso, há uma série de barreiras estruturais: cadeiras, catracas, roupas, transportes públicos e privados não são pensados para corpos diversos. O corpo gordo, nesse cenário, literalmente não cabe no mundo - nem no simbólico, nem no concreto.

3.3 Impactos Identitários: a negação do “eu”

O sujeito gordo é frequentemente interditado na cultura. Quando aparece na mídia, quase nunca é protagonista, desejado ou respeitado. Sua presença é justificada apenas se estiver em processo de superação, ou se for cômica. Como explica Sueli Carneiro, essa lógica é a negação do eu, o apagamento simbólico da subjetividade.

A construção identitária de uma pessoa gorda, nesse contexto, é forjada sob a ausência de representações positivas. Ela não se vê como alguém passível de amor, sucesso ou centralidade. Casos como os de Monica (Friends) e Schmidt (New Girl) ilustram bem essa trajetória: só se tornam "desejáveis" após emagrecerem, reforçando que o corpo gordo só é válido como "antes".

Essa narrativa de transformação legitima a exclusão: ser gordo não é uma condição de existência legítima, mas um obstáculo temporário. Um corpo a ser vencido.

3.4 Impacto Social: estigmas, exclusão e normalização da violência simbólica

Na cultura popular, o riso direcionado ao corpo gordo é amplamente aceito e até incentivado. O Fat Suit, como artifício estético, torna-se uma forma de entretenimento baseada na ridicularização de um grupo social inteiro. Trata-se de uma violência simbólica normalizada, uma piada com alvos específicos.

Esse riso é disciplinar: ele ensina quem pode ser amado, quem deve ser corrigido, quem merece empatia e quem deve ser ridicularizado. O caso da influenciadora e modelo plus-size Juliana Nehme que denunciou um caso de gordofobia ao afirmar que foi impedida de embarcar em um voo da Qatar Airways, dizendo que “para eles eu era um monstro gordo” é emblemático, escancarando o quanto as pessoas gordas seguem sendo silenciadas, desmoralizadas, excluídas e invisibilizadas.

A cultura da magreza atinge novos patamares: corpos cada vez mais esqueléticos são celebrados, mesmo quando resultado de métodos artificiais. O uso de “pó” como alimento (whey, creatina) e a demonização de “comida de verdade” ilustram um novo ciclo de distorção corporal. No plano macro, isso revela a atuação do biopoder, como definiu Foucault: uma tecnologia de controle que atua sobre os corpos e suas aparências. O que está em jogo não é apenas estética, mas a legitimação ou a exclusão da própria existência.

Considerações finais

As relações entre imagem, linguagem e discurso, especialmente no que diz respeito ao uso do Fat Suit, revelam um campo de disputas simbólicas que ultrapassa a esfera do entretenimento. Este trabalho buscou demonstrar como esse artifício, longe de ser apenas uma escolha estética ou técnica, funciona como um dispositivo de estigmatização e interdição, contribuindo para a consolidação de representações exclucentes do corpo gordo na cultura midiática.

Ao longo da análise, percebeu-se que o Fat Suit opera como ferramenta ideológica que reforça narrativas estereotipadas, sustentadas por um imaginário social que ainda associa gordura à falha moral, à desordem estética ou ao desvio comportamental. Tal recurso retira do corpo gordo sua legitimidade, reduzindo-o a um objeto de riso, de pena ou de superação, raramente sendo reconhecido como sujeito de desejo, de agência ou de protagonismo. Essa construção não é aleatória: ela se insere em uma lógica mais ampla de controle dos corpos, na qual, conforme discutido por Foucault, o discurso não apenas representa a realidade, mas a constitui, organizando o que pode ser visto, dito e legitimado.

A análise do discurso revelou como o Fat Suit comunica, ainda que silenciosamente, que certos corpos não devem ser levados a sério. A imagem produzida é a de um corpo passageiro, reversível, ridículo ou indesejado. Essa representação visual age como um marcador simbólico que naturaliza o não pertencimento e estimula práticas sociais de exclusão. Em diálogo com Sueli Carneiro, entende-se que se trata de um processo de construção do outro como "não-ser", reforçando a ideia de que há corpos autorizados a existir plenamente, enquanto outros estão destinados à marginalidade simbólica.

Além disso, os impactos dessas imagens não se restringem ao campo da percepção, mas se desdobram em esferas concretas da vida social: transtornos alimentares, medicalização, exclusão em ambientes médicos, invisibilidade afetiva e violência institucional. Em uma sociedade cada vez mais atravessada por discursos sobre autocuidado e performance corporal, práticas como o uso indiscriminado de medicamentos para emagrecimento, cirurgias estéticas normalizadas e o culto à

produtividade física ilustram o modo como o biopoder atua de forma renovada, sofisticando os mecanismos de exclusão sob o pretexto da saúde e da disciplina.

Assim, este estudo reafirma a importância de problematizar a persistência de representações gordofóbicas, ainda hoje legitimadas por uma estética de humor e por dispositivos visuais aparentemente inofensivos. Se em outros momentos da história já se questionou o uso do blackface e de outras práticas performativas violentas, o mesmo olhar crítico precisa ser direcionado ao Fat Suit, que se mantém como instrumento de apagamento e desumanização.

Por fim, a intenção desta pesquisa não é encerrar o debate, mas contribuir com uma reflexão crítica sobre os modos como os corpos são construídos, silenciados e performados na mídia. Ao investigar o Fat Suit como dispositivo simbólico, aponta-se para a urgência de imaginar novas representações: mais éticas, plurais e comprometidas com a dignidade de todas as existências corporais.

Referências:

- CAPRICO. 8 séries e filmes que trazem mulheres gordas – e sem ridicularizá-las. *Capricho*, 30 jul. 2020. Disponível em: <https://capricho.abril.com.br/entretenimento/8-series-e-filmes-que-trazem-mulheres-gordas-e-sem-ridiculariza-las/>. Acesso em: jun. 2025.
- CARNEIRO, Sueli. *Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. São Paulo: Zahar, 2023.
- CEZAR, João Marcelo de O. O “anormal” de Foucault e os “corpos que (não) importam” de Butler: um debate a respeito das violências cometidas contra os sujeitos que estão fora das normas. In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA – XXV ANPUH-SP, 25., 2020, Assis. *Anais* [...]. Assis: ANPUH-SP, 2020. Disponível em: https://www.encontro2020.sp.anpuh.org/resources/anais/10/1587062853_ARQUIVO_ArtigoANPUHJoaoMarcelo.pdf. Acesso em: 22 jul. 2025.
- CINE SET. Como o cinema e as séries de TV enxergam a adolescente gorda. *Cine Set*, 19 jan. 2022. Disponível em: <https://www.cineset.com.br/como-o-cinema-e-as-series-de-tv-enxergam-a-adolescente-e-gorda/>. Acesso em: jun. 2025.
- CNN BRASIL. Modelo brasileira é impedida de embarcar em voo por ser “gorda demais”. *CNN Brasil*, 25 nov. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/modelo-brasileira-e-impedida-de-embarcar-em-voo-por-ser-gorda-demais/>. Acesso em: 3 jun. 2025.
- FOUCAULT, Michel. *Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 2013.
- G1. Jovem de 25 anos morre na porta de hospital estadual de SP após ter atendimento negado por falta de maca para pessoas obesas. G1, 6 jan. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/01/06/jovem-de-25-anos-morre-na-po>

[rta-de-hospital-estadual-de-sp-apos-ter-atendimento-negado-por-falta-de-maca-para-pessoas-obesas.ghtml](#). Acesso em: 3 jun. 2025.

BOURDIEU, Pierre. *O senso prático*. Petrópolis: Vozes, 2009.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp, 2007.

A BALEIA. Direção: Darren Aronofsky. Estados Unidos: A24, 2022. Filme.

DIVERTIDAMENTE. Direção: Pete Docter, Ronnie Del Carmen. Estados Unidos: Pixar Animation Studios, 2015. Filme.

FRIENDS. Criação: David Crane e Marta Kauffman. Estados Unidos: NBC, 1994–2004. Série de TV.

GIRLS. Criação: Lena Dunham. Estados Unidos: HBO, 2012–2017. Série de TV.

HAIRSPRAY. Direção: Adam Shankman. Estados Unidos: New Line Cinema, 2007. Filme.

NEW GIRL. Criação: Elizabeth Meriwether. Estados Unidos: Fox, 2011–2018. Série de TV.

NORBIT. Direção: Brian Robbins. Estados Unidos: DreamWorks, 2007. Filme.

O AMOR É CEGO. Direção: Peter Farrelly e Bobby Farrelly. Estados Unidos: 20th Century Fox, 2001. Filme.

O PROFESSOR ALOPRADO. Direção: Tom Shadyac. Estados Unidos: Universal Pictures, 1996. Filme.

PRECIOUS. Direção: Lee Daniels. Estados Unidos: Lionsgate, 2009. Filme.

TOO MUCH. Criação: Lena Dunham. Estados Unidos: Netflix, 2025. Série de TV.

UMA COMÉDIA NADA ROMÂNTICA. Direção: Aaron Seltzer, Jason Friedberg. Estados Unidos: Regency Enterprises, 2006. Filme.

VINGADORES: ULTIMATO. Direção: Anthony Russo, Joe Russo. Estados Unidos: Marvel Studios, 2019. Filme.

VOVÓ...ZONA. Direção: Raja Gosnell. Estados Unidos: 20th Century Fox, 2000. Filme.